

O valor do soldado de Tio Sam

1.º Tenente HUBERTO ELLERY

Inst. da E. E. F. E.

Cheguei dos Estados Unidos da América do Norte em Abril último, e, desde então, venho sendo abordado por camaradas para dizer algo sobre aquele grande país amigo, quando respondendo falo a respeito do Exército de Tio Sam, não raro ouço frases que põem em dúvida o valor guerreiro dos seus soldados. São elas assim formuladas: O soldado americano não pode ser bom porque,

1 — Ama o conforto — 2 — É dansarino — 3 — Tem

mães e japoneses (na terra e no ar) e estes, os ingleses (no mar e no ar), portanto o conforto não é incompatível com o guerreiro nem este com aquele.

2 — É DANSARINO E CANTOR — A música está em toda a parte, no pipilar dos pássaros, no gemer dos moribundos, no sibilar dos ventos, no fragor das batalhas, nas festas e na necrópole, nos momentos de alegria e de dor, ela seduz até os irracionais.



É nos campos das lutas
amigáveis que são lançadas as
sementes que, em outros anos
e em outros campos produzirão
os frutos da Vitória.

GENERAL DOLANUS MEXARTON

aversão e é displicente aos assuntos guerreiros — 4 — Sua formação racial é mixta — 5 — Nunca brigou — 6 — Sua educação é comercial e industrial — 7 — Só pensa em dinheiro — 8 — É esportivo — 9 — É um principiante.

Combato-as com fatos e as vezes com logica, conforme se segue:

1 — AMA O CONFORTO — Permitam-me perguntar a) qual o ente civilizado que não o faz? — b) quem podendo viajar de automovel o faz de bonde? — c) quem por ventura é capaz de provar não haver conforto nas cidades alemãs, japonesas e inglesas? Entretanto, nunca ouvi esta referência quando se trata desses povos, e nem é possível negar-lhes o valor na arte da guerra, aqueles, os ale-

Em despachos da frente russa consta que a infantaria alemã ao se lançar ao ataque é acompanhada por bandas executando sinfonias. Os índios, antes de se empenharem no combate, inspiravam-se na música da batucada dos zabumbas e inflamavam-se na dança e nos cânticos guerreiros ultrapassando, dessa forma, as raias do sentimento humano, dominando assim o próprio instinto de conservação e entrando na luta como verdadeiras feras. Em última análise, a música, o canto e a dança são o patrimônio cultural de um povo e cada povo tem sua arte diferente, o que não deprime, de modo algum, o seu valor guerreiro. Ninguém, portanto, tem o direito de condenar o valor de um povo neste aspecto, pela forma que ele rende a sua home-

passagem a Luterpe e à Psicologia, respectivamente, as musas da música e da dança.

3 — TEM AVERSÃO E É DISPLICENTE AOS ASSUNTOS GUERREIROS — Há um engano nesta afirmativa, o que acontece é que o povo americano tendo como vizinhos os pacíficos e valorosos México e Canadá, não se preocupou com a guerra, pois os povos supra citados sempre foram de boa paz e seus verdadeiros amigos. Diante disto os americanos desviaram a sua atenção para sua própria civilização e tornaram-se os "líderes" do progresso e da liberdade dentro da ordem. Ficou assim um povo inteiramente feliz e completamente desinteressado do que ia pelo velho mundo, até que foram surpreendidos, traçoeiramente, pela guerra; traçoeiramente sim, em todos os seus aspectos, quer na materialização brutal de "Pearl Harbour", quer na sua preparação, sinão vejamos: o Sr. Hitler assumindo o poder da Alemanha em Abril de 1933 disse para os seus patriotas: "Povos roubados, vamos reconquistar"; e por uma singular coincidência, um dia antes o presidente Roosevelt assumira a chefia do governo de seu país e dissera para os seus concidadãos: "Perdemos o nosso tempo, vamos recuperá-lo"; claro como o mais límpido brilhante, estas duas frases mostram o Sr. Hitler iniciar o preparo para trazer a guerra ao mundo e o presidente Roosevelt iniciar o trabalho para conduzir o seu país ao progresso e à vida de paz. Quanto à aversão, posso dizer por experiência própria que não existe, e mais ainda, que o americano distingue e dá grande valor aos militares; quanto à displicência, aí estão os seus grandes generais e almirantes, sua armada, uma das primeiras do mundo e seu glorioso Exército, que antes da atual guerra eclodir contava com o efetivo de 150.000 homens.

4 — SUA FORMAÇÃO RACIAL E MIXTA — Quem por ventura é capaz de provar que um povo de formação racial mixta não é guerreiro. Si o povo japonês é formado por quatro raças diferentes?

5 — NUNCA BRIGOU — Eis um argumento de fácil resposta, sem falar nos Exércitos do grande general Lee e dos não menores Jackson, Johnson, Sherman, Grant e Mac Clelan, para que irmos buscar rasgos de heroísmo em Atlanta, Gettysburgh e em Richmond na campanha de Secessão que foi uma luta entre irmãos, se é possível buscá-los na grande guerra (14-18). Tomarei como exemplo o 142º da Infantaria, hoje sob o comando do brilhante coronel Nat S. Perrine.

Inicialmente, citarei um caso de bravura pessoal: o primeiro tenente Donald J. Mc Lennan, oficial de exploração e informações do 1.º Batalhão, chefiando uma patrulha atravessou o rio Aisne e penetrou no terreno inimigo na manhã de 8 de Outubro de 1918, e de posse de informações de valiosa importância regressou, e quando iniciava a travessia do rio para a margem sul, foi surpreendido por pesada fuzilaria inimiga, devendo ele ser o último homem a fazer a travessia.

Diante disto, ordenou aos seus homens efetuarem a passagem do rio e levando sua arma ao ombro, ao mesmo tempo que protegia com fogo a sua patrulha, gritava para o inimigo: "Vou regressando, porém eu te enfrentarei". Como o tenente Donald existem muitos no Exército de Tio Sam. Passemos agora à ação geral do Regimento que chegou ao território francês em Setembro de 1918; em 4-X foi mandado para a região do Some Snippe onde ficou em pequenas operações até às 3h30 da madrugada de 6, quando se destacou para cerca de 1 quilômetro ao sul de Some Py, e, neste mesmo dia 6, às 16 h., recebeu ordem para executar uma passagem de linha afim de substituir o 6.º de marinha, operação que estava finda às 6 h. 30 da manhã de 7; neste dia 7, às 20 h., recebia ordem verbal de ataque para a manhã de 8; todas as providências foram tomadas e às 5 h. 15 o ataque partiu lento e custosamente, entretanto, às 8 h. da manhã o 2.º Batalhão, único que atacou pois o 1.º fizera o apoio e o 3.º ficou de reserva, tinha capturado na vila de

S. Etienne a extensão que vai da Igreja ao Cemitério e feito 208 prisioneiros; às 10 h. 30 da manhã já estavam entruincheirados nas novas posições e patrulhas foram lançadas através o rio Aisne. Relatório de fim de jornada: — 520 prisioneiros e apreensão de 50 metralhadoras; baixas — total 751; oficiais mortos 8; feridos 26; homens mortos 177; feridos 540.

Nos jornadas de 9, 10, 11 e 12 as baixas diminuiram sensivelmente, o relatório do último desses dias assinala: oficiais: 1 morto e 1 ferido; homens: 10 mortos. Neste último dia foi substituído descansando até o dia 15 quando voltou às posições de combate e continuou aí em pequenas operações até o dia 27 quando, em novo ataque tomou a posição de Forest Farm com a perda de 177 homens. Creio que já está mais que provado que o 142º de Infantaria da reserva do Exército Americano, combateu com denodo findando com o efetivo de uma batalhão, indo, porém, até à vitória. O Exército é a sua reserva, é o povo em armas. Um povo que teve um Donald pode como ele gritar para o inimigo: "Eu te enfrentarei".

6 — SUA EDUCAÇÃO E COMERCIAL. E INDUSTRIAL — Indubitavelmente é um argumento difícil de combater, porque educar não é transformar a indústria de paz em indústria de guerra, o que foi feito pelo americano em tempo mais curto que o previsto. Educar é o problema mais complexo que pode ser apresentado a um povo; lembro, entretanto, que a questão educacional está intimamente ligada à Pedagogia e que os americanos são os reis da Pedagogia moderna e, que com esta, poderão num espaço de tempo extremamente curto relativo ao problema, levar seu povo à uma educação guerreira de nível igual ao dos inimigos, muito embora estes estejam com 10 anos de vantagem.

7 — SO' PENSA EM DINHEIRO -- Talvez sim, porém eles o tem e sabem que se perderem a guerra perdê-lo-ão, e, não há este que, se vendo perdido, deixe de combater como um louco até encontrar sua salvação, excepto os covardes que se entregam de pés e mãos atadas ao destino; o americano não o fez e não o fará, pois é um povo audaz, empreendedor e cioso de sua civilização progressista.

Por que os guerreiros do Reich estão combatendo? Espaço vital? Civilização? Comércio? Matérias primas? Qualquer destes nomes pomposos traduzidos em linguagem vulgar significa dinheiro, é o ouro, a ambição de ser o mais rico para, em consequência, dar ordens ao mundo.

8 — E' ESPORTIVO — Realmente o é, porém eu vos pergunto: quais os maiores rivais encontrados pelos americanos nas lides esportivas? Os guerreiros incontestes: alemães, finlandeses e japoneses.

Citarei 3 casos observados naquele país que bem demonstram o seu entusiasmo guerreiro:

1º — os americanos adotaram o violento "Catch-as-catch-can" em substituição à luta greco-romana por achá-la muito delicada;

2º — criaram o "foot-ball rugby" bem nosso conhecido através do cinema e que mata em média 50 homens por ano;

3º — por várias vezes, assistindo à partidas esportivas, até mesmo de "basket-ball", notei que, quando o jogo se desenvolvia em ambiente delicado, a assistência em peso cantava a "valsa dos patinadores", com o fim de que os jogadores se empenhassem na luta com mais ardor e violência. E apesar da guerra, temos notícias seguras de que os alemães continuam organizando e realizando competições esportivas, e isto é lógico, pois que o esporte não há dúvida, é uma prática que, além de melhorar o físico, desperta no praticante uma série de qualidades morais indispensáveis ao combatente tais como, a iniciativa, a tenacidade, a cooperação, a confiança em si mesmo, etc., e não é por simples poesia, que se lê nos humbrais da tradicional West Point, as palavras seguras e incentivadoras do grande Mac Arthur,